



REVISTA  
Casa da  
ISSN 2316-8056  
**GEOGRAFIA**  
de Sobral

## O COTIDIANO NOS BOLETINS GOIANO E GAÚCHO DE GEOGRAFIA: UMA INVESTIGAÇÃO DA EMERGÊNCIA E AVANÇO DA DISCUSSÃO NA DÉCADA DE 1990

Everyday life in the goiano and gaúcho geography bulletins: an investigation of the emergency  
and advances of discussion in the 1990

Le quotidien nous bulletins géographiques goiano et gaúcho: une enquête sur l'urgence et les  
avancées de la discussion dans les années 90

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v23.786>

Mikael Rodrigues de Araujo<sup>1</sup>

Histórico do Artigo:

Recebido em 05 de junho de 2021

Aceito em 30 de agosto de 2021

Publicado em 06 de setembro de 2021

### RESUMO

O estudo que ocasionou este artigo objetivou entender a emergência e a multiplicidade teórico-metodológica com a qual o *cotidiano* é trabalhado durante da década de 1990 na produção bibliográfica do ensino de geografia no Brasil. Para tanto, utilizou-se como base de análise os artigos publicados nos *Boletins Goiano e Gaúcho de Geografia*, uma vez que as universidades onde tais revistas são organizadas se tornam, nas últimas duas décadas, dois dos principais centros de discussão do ensino de geografia no Brasil. Com isso, elucidamos em tais produções acadêmicas a presença de efervescentes debates sobre o *cotidiano*, os quais se potencializaram na medida em que a geografia brasileira buscava analisar a espacialidade da *vida cotidiana*, especialmente vinculada ao espaço urbano. Nesse sentido, identificada e conceituada a multiplicidade teórico-metodológico do *cotidiano* no ensino de geografia, construímos uma estrutura (da *palavra ao conceito geográfico*) que pretende dar movimento teórico e prática à (res)significação do conceito de *cotidiano* na geografia.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Cotidiano. Multiplicidade teórico-metodológica. Palavra. Conceito geográfico.

### ABSTRACT

The study that gave rise to this article aimed to understand the emergence and the theoretical-methodological multiplicity in which daily life is work during the 1990s in the bibliographic production of geography teaching in Brazil. For this, using as a basis for analysis the articles published in the Goiano and Gaúcho Geography Bulletins, since the universities where such journals are organized have become in the last two decades two of the main centers of discussion of the teaching of geography in Brazil. With that, we elucidate in such academic productions the presence of effervescent debates about the daily life, which were potentialized as

<sup>1</sup>Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mikaelrodrigues@usp.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-0835-1115>



Brazilian geography sought to analyze the spatiality of everyday life, especially that linked to urban space. In this sense, having identified and conceptualized the theoretical-methodological multiplicity of everyday life in the teaching of geography, we built a structure (from *the word to the geographical concept*) that intends to give theoretical and practical movement to the (re) signification of the everyday life concept in geography.

**Keywords:** Teaching of Geograph. Daily life. Theoretical-methodological multiplicity. Word. Geographic concept.

## RÉSUMÉ

L'étude qui a conduit à cet article visait à comprendre l'émergence et la multiplicité théorico-méthodologique avec lesquelles quotidienne est travaillé au cours des années 1990 dans la production bibliographique de l'enseignement de la géographie au Brésil. À cette fin, les articles publiés dans les Bulletins de géographie de Goiano et Gaúcho ont servi de base d'analyse, car les universités où ces revues sont organisées sont devenues, au cours des deux dernières décennies, deux des principaux centres de discussion de l'enseignement de la géographie dans le Brésil. Avec cela, nous élucidons dans ces de telles productions académiques la présence de débats effervescents sur quotidienne, qui se sont renforcés alors que la géographie brésilienne cherchait à analyser la spatialité de la vie quotidienne, notamment liée à l'espace urbain. En ce sens, après avoir identifié et conceptualisé la multiplicité théorico-méthodologique de quotidienne dans l'enseignement de la géographie, nous avons construit une structure (du mot au concept géographique) qui entend donner un mouvement théorique et pratique donner un mouvement théorique et pratiquer un sens et / ou un nouveau sens du concept quotidien en géographie.

**Mots-clés:** Enseignement de la géographie. Quotidienne. Multiplicité théorique et méthodologique. Mot. Concept géographique.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas acerca do *cotidiano* se potencializam e avança na produção bibliográfica do ensino de geografia ao longo da década de 1990. Esse processo ganha força à medida que esses estudos foram sendo utilizados como possibilidade de mediação/relação entre a geografia acadêmica e a geografia escolar, trazendo o vivido do aluno para o primeiro plano da investigação.

Ao longo dos anos 90, especialmente nos seus últimos anos e início do século XXI, irromperam obras que apontavam formas de conceber o *cotidiano* enquanto conceito geográfico. Isso foi sendo realizado dado que os estudos sobre o espaço vivido avançavam, por um lado envolvido no processo capitalista da produção do espaço e, por outro, nos aspectos simbólicos, familiares e afetivos do espaço.

À vista disso, colocamos em debate a hipótese de que o conhecimento geográfico sobre o *cotidiano* avança a partir dos anos 90, predominantemente em relação ao vivido do aluno, ao entorno da escola, à rotina escolar e à produção da apreensão geográfica na escola. Porém, nesse momento, ainda sem a composição teórica de um conceito geográfico, havendo a produção de algumas obras que apontaram para isso nos últimos anos do século XX e início do século XXI.

Com isso, objetivamos esclarecer o contexto da geografia dos anos 90, destacando as principais obras que contribuíram para o avanço nas discussões sobre o *cotidiano*; para, em seguida, analisarmos a forma como o *cotidiano* foi trabalhado nos artigos do ensino de geografia publicados entre 1990 e 1999 nas revistas *Boletins Gaúcho* e *Goiano de Geografia*, com o propósito de, através dessa

análise, construímos uma proposição metodológica que dê movimento à compreensão do *cotidiano* enquanto conceito.

Escolhemos estudar o *cotidiano* no ensino de geografia por notar uma crescente emergência de multiplicidade de apreensões acerca do *cotidiano* em diferentes obras e perspectivas desta área de pesquisa. Com isso buscamos destacar a necessidade de realizarmos um resgate epistemológico e conceitual sobre como e quando essas apreensões podem ter emergido e se potencializado. Nesse sentido, este trabalho desempenha o papel de uma contribuição inicial, mas longe de esgotar as hipóteses que podem ser levantadas e estudadas sobre o tema.

Sobre a opção de selecionarmos as revistas *Boletins Gaúcho* e *Goiano de Geografia*, para análise dos artigos de ensino de geografia publicados ao longo dos anos 90, ressaltamos que isso se deu pelo fato de as universidades onde estas revistas são coordenadas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Universidade Federal de Goiás - UFG) terem se configurado nas últimas duas décadas como os principais centros de produção de conhecimento a respeito do ensino de geografia. Portanto, identificar como o *cotidiano* emerge e continua sendo trabalhado nestes “polos” é entender a concepção de *cotidiano* que está sendo multiplicada e praticada em parte significativa da produção do conhecimento do ensino de geografia no Brasil, possivelmente até os dias de hoje.

Trouxemos para esta pesquisa exclusivamente a análise dos artigos em que, no corpo de sua redação, os termos *Cotidiano*, *Cotidianidade* e *Vida Cotidiana* aparecem; tal critério acarretou o estudo de um total de seis artigos, que debatem diferentes perspectivas, concepções e temáticas sobre o ensino de geografia. Dessa maneira, foram selecionados os seguintes 6 (seis) artigos para a análise das formas-conteúdo do *cotidiano*: “A geografia é nosso dia-a-dia” de Kaerchaer (1996); “As questões analítico-expositivas no processo ensino-aprendizagem da geografia” de Lucas (1998); “O ensino e a questão regional” de Callai (1996); “O professor, o livro didático e a realidade vivida pelo aluno como recursos para o ensino da geografia” de Rua (1998) e os de Cavalcanti (1993, 1995), “Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual” e “A problemática do ensino de geografia vinculada nos encontros nacionais da AGB (1976-1986): Um levantamento preliminar”.

A posição metodológica de seleção e análise desses artigos teve como finalidade apontar um caminho através do qual pudéssemos compreender a(s) base(s) teórico-metodológica(s) e a composição em que o *cotidiano* emerge - e, possivelmente, se multiplica - na teoria e na prática do ensino de geografia.

A respeito disso, embora a genealogia do pensamento de cada autor seja relevante para conseguirmos chegar o mais próximo possível da sua concepção sobre determinados conceitos, não temos a pretensão de nos prendermos a suas obras como um todo de modo minucioso. Isso será feito

especialmente naqueles pontos diretamente ligados ao *cotidiano* ou a algum tema/conceito que os atravessasse diretamente.

A investigação e o debate teórico-conceitual que realizamos sobre os artigos analisados não se deram de modo quantitativo: pelo contrário, focamos na composição teórico-conceitual presente na forma como o *cotidiano* é trabalhado. Para tanto usamos como método a relação da *forma-conteúdo* que adquiriu, para tanto, uma conotação que visa uma agregação à composição teoria-conteúdo das *formas* e do *conteúdo* de como o *cotidiano* é trabalhado na geografia. Para nós, as *formas* do cotidiano são as definições das suas composições teórico-conceituais (*palavra, conhecimento cotidiano, abordagem, categoria e conceito*). Estas *formas* constituem em si os *conteúdos*<sup>2</sup> com as quais o cotidiano é utilizado no escopo teórico-conceitual da geografia, seja por meio da linguagem escrita ou verbal em sala de aula. Assim, o *conhecimento cotidiano*<sup>3</sup> caracteriza como a forma como o *cotidiano* é trabalhado tem uma composição teórico-conceitual um pouco mais complexa do que o seu significado enquanto *palavra*. Já a *abordagem* refere-se a quando se toma o *cotidiano* como ponto de partida para a compreensão de conteúdos e outros conceitos geográficos, mesmo quando não há corrente de métodos que o direcionem. *Categoria* é compreendida quando se parte de uma corrente de método para a sua investigação. E *conceito* não pretendemos fechar numa definição, e sim instigar a reflexão sobre o que é possível explicar a partir do *cotidiano* na relação entre a teoria e a *práxis*<sup>4</sup>. Dessa forma, apresentamos que, além da emergência e avanço da discussão do *cotidiano*, vem ocorrendo também a partir dos anos

<sup>2</sup> Como indica Lefebvre, “Na linguagem, cada palavra tem um sentido, isto é, um conteúdo. Na maioria dos casos, a palavra é empregada sem que o conteúdo esteja plenamente presente ou explícito. E o conteúdo de certas palavras de uso muito corrente (democracia, Estado, nação, indivíduo, consciência, humano, etc.) revela-se simultaneamente tão confuso e tão rico que sua explicação parece desencorajar a maioria dos próprios especialistas nesse tipo de pesquisa, até que surjam homens [ou mulheres] particularmente lúcidos e corajosos, que abordam os problemas teóricos e práticos implicados por esses termos. Até esse momento, são utilizados sem muitas precauções, e o caráter vago de seu sentido serve a muitas iniciativas – políticas, ideológicas, filosóficas – altamente contestáveis” (LEFEBVRE, 1975, p. 132), e este é o modo como muitas vezes o *cotidiano* é trabalhado na geografia brasileira.

<sup>3</sup> Elaboramos o conceito de *conhecimento cotidiano* em diálogo com a obra de Sandra Lencioni, *Região e Geografia* (2014). A autora, ao tencionar explicar o desenvolvimento e construção do conceito de *Região* na geografia, parte da premissa de que todos nós temos uma ideia do que seja *Região*; ou seja, mesmo no senso comum as pessoas têm uma noção do seu significado. A autora denomina esse processo de *conhecimento regional*. Seguindo a mesma linha de raciocínio, construímos o conceito de *conhecimento cotidiano*, no entanto é importante considerá-lo em sua diferença e em seu movimento entre as apreensões do *cotidiano* enquanto *palavra* e enquanto *abordagem*, bem como já apontamos e iremos desenvolver posteriormente.

<sup>4</sup> Podemos até dizer que no nosso modo de dialetizar as construções dos conceitos - neste caso, o de *cotidiano* - os assuntos identificados ao longo dessa pesquisa tenham recebido forte influência do modo como Lefebvre realiza esse exercício em seu livro “*La presencia y la ausencia*” (1980). No entanto, tentaremos destacar a nossa posição (até o presente momento) em relação à dialetização do Sujeito e do Objeto. Para Henri Lefebvre, especialmente naquele livro, nos parece haver uma contínua e inacabada dialetização do Sujeito e do Objeto visando a compreensão do conceito de Representação Social. Para nós, mesmo reconhecendo que tem havido massiva aproximação entre Sujeito e Objeto ao longo dos avanços da produção e reprodução do Capital, durante o século XX até o atual momento, consideramos que o Sujeito e o Objeto são pontos de partidas distintos (embora bastantes próximos nos dias de hoje) para uma compreensão metódica das ciências humanas.

de 1990 uma crescente multiplicidade teórico-metodológica das *forma-conteúdos* de como o *cotidiano* é trabalhado.

Este estudo nos levou a construir um acervo teórico-conceitual capaz de dar movimento ao *cotidiano*, levando o seu significado enquanto *palavra* à sua compreensão enquanto *conceito geográfico*. Através da capacidade cognitiva dos professores e alunos, tal movimento pode contribuir para que consigamos realizar a relação entre teoria e prática do conhecimento geográfico: a partir do *cotidiano*, compreendendo-o em diferentes níveis de complexidade e, ao mesmo tempo, sem isolá-lo da totalidade do processo de condicionamentos sociais e transformações espaciais.

## O COTIDIANO EM DISCUSSÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTEXTO E OBRAS

Ao longo da década de 1990 a discussão acerca do *cotidiano* e o exercício de pensá-lo enquanto *conceito geográfico* progressivamente ganhavam volume no campo dos estudos acadêmicos. E ainda que houvesse uma tensão entre a concepção de *cotidiano* como *palavra*, ela acabava pulsando em direção à sua apreensão enquanto *conceito*. Isso se deu tendo em vista que as investigações geográficas nos levaram a debates sobre como a sociedade vive, cria o espaço e, como isso, o *cotidiano*.

Embora seja um debate recente e ainda tímido no âmbito da ciência geográfica, é possível apontar que as concepções de *cotidiano* emergem e avançam de modo simultâneo em duas linhas de pesquisa: na geografia urbana e no ensino de geografia. Na linha de pesquisa da geografia urbana, ganhava força, porque os estudos sobre a obra de Henri Lefebvre foram se desenvolvendo na geografia brasileira (especialmente localizados na Universidade de São Paulo – USP) a partir da década de 1990.

Já na linha de pesquisa do ensino de geografia, podemos apontar a forte presença do pensamento de Vygotsky (1993), de onde se extraiu a apreensão de *conceitos cotidianos*. Tal noção é elaborada pelo autor em debate com Piaget na obra *Pensamento e Linguagem* (1993). Essa discussão girava em torno da noção de conceitos espontâneos sobre os quais Vygotsky, em discordância de Piaget, aponta a relação entre os conceitos científicos e os *conceitos cotidianos*. Cavalcanti (1996), por exemplo, indica de forma clara em sua tese a sua base teórica nestas acepções de Vygotsky<sup>5</sup>.

Tomando como ponto de partida esses dois pilares da construção do conhecimento geográfico, identificamos algumas obras a respeito do ensino de geografia nas quais o *cotidiano* emerge progressivamente como uma das problemáticas centrais. Mesmo em diferentes perspectivas, o *cotidiano*,

---

<sup>5</sup> Sobre isso, é possível levantar a hipótese de que essa apreensão sobre os conceitos científicos e conceitos cotidiano tenham se multiplicado na teoria e na prática do ensino de geografia no Brasil. Apontaremos isso de forma sucinta na análise dos artigos na seção seguinte. Além disso, caso haja interesse em aprofundar as leituras sobre os debates acerca dos conceitos espontâneos, consultar especialmente o capítulo 6 (“O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância”) do livro *Pensamento e Linguagem* de Vygotsky (1993).

em linhas gerais, é trabalhado dialogando com o espaço vivido dos indivíduos; assim favorecendo a potencialização da sua pulsão em direção ao *conceito*, como também a emergência de uma multiplicidade de interpretações.

Nesse sentido, pode-se destacar a elaboração das teses de doutorado de Callai (1995) e Cavalcanti (1996). Esta autora, pensando na construção dos conceitos geográficos em sala de aula, ressalta a importância da “[...] relação entre os conceitos produzidos pela ciência geográfica (conceitos científicos) e sua estruturação em conceitos escolares (conceitos científicos articulados aos conceitos cotidianos) e seu papel na formação de raciocínio geográfico” (CAVALCANTI, 1996, p. 12).

De modo semelhante, Callai (1995, p. 205) evidencia que “[...] as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no *espaço cotidiano* e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem”. Helena Callai cita na sua tese as obras *O cotidiano e a História* (1989) de Agnes Heller e *a Dialética do Concreto* de Karel Kosik. Ambos são filósofos e trabalham, como um dos centros das suas discussões, o conceito de *cotidiano*. Sendo assim, essa pode ter sido a base teórico-metodológica na qual a geógrafa tenha se baseado para a sua interpretação sobre o *cotidiano*, além de também se fazer presente a noção de *conceitos cotidianos* de Vygotsky (1993).

Ainda nessa linha de pensamento, nos fins dos anos 90 são publicadas as obras *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano* e *Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões*, organizadas por Castrogiovanni (1999a, 1999b). O autor sintetiza na apresentação do primeiro livro um exemplo da latente pulsão em torno do *cotidiano* na época.

Em todos os seminários e encontros de professores de Geografia [...] discute-se a necessidade de instrumentalizar o aluno para lidarem com a espacialidade em múltiplas dimensões, analisando-se as contradições e os conflitos sociais do cotidiano, e encaminhando-se para a compreensão da realidade social refletida nos diferentes lugares (CASTROGIOVANNI, 1999a, p. 7).

As teses e os livros citados contribuíram com a renovação da prática educativa na escola. Incentivam a criatividade e, especialmente, a valorização dos referenciais *cotidianos* e dos conhecimentos prévios dos alunos. A proposição de tais obras citadas até o momento, de modo geral, acerca do *cotidiano*, é indicar que ele seja trabalhado pelo professor para desenvolver conteúdos no espaço-tempo da escola e fora dela. Assim, na medida em que os debates acerca das *abordagens cotidianas* fossem postos, exercitando a apreensão de variadas possibilidades de contextualizações da vivência dos alunos a partir da localização geográfica.

À vista disso, o *cotidiano* aparece como o terreno base para a compreensão de conceitos-chaves (Paisagem, Território, Região, Espaço e Lugar) e como possibilidade para um exercício de se

pensar o mundo. Dessa maneira, o *cotidiano* é utilizado como contextualizações para outros conceitos, ou seja, a *abordagem cotidiana* é a base onde ocorrem a interpretação e apreensão dos conceitos-chaves da geografia e a análise da realidade vivida pelos alunos, o que os aproxima das apreensões acerca do conceito de Lugar.

Podemos levantar aqui alguns caminhos que podem apontar o que pode ter potencializado essa relação entre o conceito de Lugar e o de *cotidiano*. Um deles é que o *cotidiano* trabalhado no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula é apreendido como o nível onde a vivência dos alunos acontece, portanto muito ligado à forma como o Lugar é trabalhado na escola. Um outro caminho são as publicações da obra *A Natureza do Espaço* (1996), do professor Milton Santos, e o currículo dos Parâmetros Curricular Nacional - PCNs - de Geografia durante nos anos 90.

Milton Santos, no capítulo intitulado “O Lugar e o Cotidiano”, destaca que “no lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperações e conflito são a base da vida em comum” (SANTOS, 1996, p. 322). Nos PCNs de Geografia também é muito latente essa relação, como citado que “colocar o lugar como eixo temático e como categoria analítica está relacionada tanto às oportunidades que oferece para o estudo do cotidiano do aluno como à possibilidade de pensar sobre a Geografia” (PCNs de Geografia, 1998, p. 58).

É possível que as obras do professor Milton Santos, em especial *A Natureza do Espaço* (1996), tenham influenciado ainda mais essa presença da relação entre o conceito de Lugar e o de *cotidiano* em tal documento, uma vez que a geografia desse professor se faz bastante presente nos PCNs de Geografia. Diante de tal conjectura, pode-se apontar que essa apreensão pode ter contribuído para a sua multiplicação também nas práticas de ensino de geografia em sala de aula<sup>6</sup>.

Posto isso, somos levados a pensar que a origem da emergência dos debates acerca do *cotidiano* na geografia, que surgiu muito antes da década de 90<sup>7</sup>, tenha uma relação próxima com o conceito de Lugar. “Tal situação coloca-nos diante de redefinições importantes na articulação entre o lugar da realização da vida – da identidade criada entre as pessoas no lugar – e do cotidiano onde a vida ganha dimensão real” (CARLOS, 2007, p. 42).

---

<sup>6</sup> Nos PCNs de Geografia há um exercício de se pensar o *cotidiano* partindo de diferentes perspectivas teórico-metodológicas (marxista e fenomenológica), mas, assim como parte significativa desse documento, no desenvolvimento dos conteúdos e temáticas dos eixos indicados para os respectivos ciclos de ensino, predomina uma tendência à fenomenologia sobre o *cotidiano*.

<sup>7</sup> “Reproduz, simultaneamente, um pensar sobre o cotidiano, desde suas origens, quando institucionalizada como disciplina; contido, naquela época, na noção de modos e gêneros e vida; gêneros que configuram o meio geográfico. Na geografia, a questão atual e premente do cotidiano tem sua gênese na noção de gênero de vida. Os modos ou gêneros de vida aparecem como conhecimentos originários e matriciais do que se define hoje como cotidiano. É possível, deste ângulo, uma revisão da história do conhecimento geográfico” (CARLOS; DAMIANI, 1999, p. 96).

Nesse sentido, durante os anos 90 foram organizados livros sobre o ensino de geografia nos quais o *cotidiano* apresentava-se com uma concepção diferente da relatada até o momento. Ainda que tenham a sua base teórica na obra de Henri Lefebvre, tais obras não trabalham o *cotidiano* como *conceito geográfico* no momento da sua publicação. Neste contexto, Damiani relata que

Hoje em dia o tema cotidiano se generalizou. Refere-se a qualquer tempo e a qualquer espaço. Pessoalmente, e apoiada, especialmente, em Henri Lefebvre, não o trabalhei dessa maneira. O tema se atualiza. Ajuda-nos a refletir o mundo atual, está circunscrito, não diz respeito a qualquer tempo ou lugar. O cotidiano inclui o homem inteiro em seus diferentes momentos: o da vida privada, o dos lazeres, o do trabalho; e exatamente quando cada um desses momentos se constitui como tal, sustentado por instituição, organizações, poderes, conhecimentos, é que o tema se torna crucial (DAMIANI, 1994, p. 434).

A autora, ao destacar os crescentes debates sobre o *cotidiano* nos anos 90, indica o seu aprofundamento teórico a partir da contribuição de Henri Lefebvre. A obra desse filósofo francês, na qual estão incluídos os três volumes da crítica da *vida cotidiana*, tem na sua composição conceitual uma análise sobre o *cotidiano* no contexto do início da segunda metade do século XX na Europa - especialmente na França. A influência da sua obra, como relatado, além de consolidar-se na perspectiva urbana, também elabora algumas obras e textos sobre o ensino de geografia nos fins dos anos 90. Nestes ele especificamente aponta o *cotidiano* como uma potência conceitual para explicar e estudar a prática social dos indivíduos.

Alguns dos livros que marcam esse momento são *A geografia na Sala de Aula e Novos Caminhos da Geografia*, organizados por Carlos (1999), e *Reforma no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia*, organizado por essa mesma autora e por Oliveira (1999). “Embora os textos sejam independentes há uma certa relação teórica entre eles, pois na maioria dos artigos é notável a presença de Henri Lefebvre [...] embasando as reflexões sobre o espaço geográfico” (PONTUSCHKA, 2006, p. 117).

Esses livros reúnem textos que transitam por diferentes linhas de pesquisa da geografia (física, rural, urbana – organização do espaço e a produção espaço e do *cotidiano*), tendo como finalidade construir caminhos didáticos para que as pesquisas acadêmicas da época chegassem à educação escolar. O que há de comum em quase todos eles, principalmente aqueles textos que têm em Lefebvre a sua base teórica, é a presença dos debates sobre a *prática cotidiana*. “Como entender o chamado ‘mundo global’ em que vivemos? A partir da vida cotidiana, das instâncias do lugar – como dimensão da realização do mundial -, pode se iniciar o aprendizado na sala de aula?” (CARLOS, 1999, p. 7).

Nos PCNs de Geografia, nos quais a relação Local/Global se demonstrava latente, Damiani e Carlos (1999, p. 93) ressaltam que havia “uma preocupação, que permeava os debates, se definia cada vez mais, propondo a apreensão do movimento do real para decifrar os conteúdos do processo espacial



e seu significado na vida cotidiana dos homens”. O *cotidiano*, nessa perspectiva, tem como função formar o pensamento-ação desvendando “[...] as significações do espaço na vida privada e pública, na vida social, e oferecê-los à sociedade civil. O projeto nasce no seio da sociedade inteira, do real social, como possibilidade [...] inclusive pelo conhecimento geográfico” (DAMIANI, 1999, p. 53).

Compreendendo a *vida cotidiana* por esse viés, ao nível da *práxis*, o nível da micro-história de cada indivíduo será analisado e discutido indissociável das suas condições reais e materiais. Isso pode conduzir, por exemplo, o garoto da periferia urbana, filho de família da classe trabalhadora, a entender que suas condições materiais, a sua micro-história, estão condicionadas e diretamente relacionadas à reprodução da classe trabalhadora visando à reprodução do capital. Por isso, lhe são negados vários direitos básicos (educação, saúde, condição de moradia e saneamento básico).

Esplanada essa pulsante multiplicidade de apreensões acerca do *cotidiano*, iremos agora demonstrar um dos pontos que consideramos importantes para conseguirmos identificá-la e, através disso, dar movimento à compreensão do *cotidiano* em direção à sua apreensão enquanto *conceito geográfico*.

## A COMPOSIÇÃO TEÓRICA DO COTIDIANO NOS BOLETINS GAÚCHO E GOIANO DE GEOGRAFIA

Com a revisão bibliográfica das teses, produções bibliográficas e parâmetros e bases curriculares de geografia nos quais o debate do *cotidiano* é trabalhado com multiplicidade de apreensões (ARAUJO, 2020, 2021), é que trouxemos a análise dos artigos desta linha de pesquisa publicados nos *Boletins Gaúcho e Goiano de Geografia* durante os anos 90. Ambos os boletins publicam artigos de caráter científico vinculados à Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB seção Porto Alegre e Goiânia, respectivamente. A relação entre os Boletins de Geografia e a AGB produziram e produzem importantes trabalhos em diferentes linhas de pesquisa da geografia. Contribuindo, assim, significativamente na produção do conhecimento desta área no Brasil.

De modo geral, a análise do objeto nos levou à seguinte configuração teórico-metodológica segundo a nossa metodologia:

**Tabela 1:** Análise dos artigos de ensino de geografia publicados nos anos de 1990 nas revistas *Boletins Gaúcho e Goiano de Geografia*.

Autores	Título(s) do(s) artigo(s)	Formas-conteúdos
Kaerchaer (1996)	A geografia é nosso dia-a-dia	Conhecimento cotidiano
Lucas (1998)	As questões analítico-expositivas no processo ensino-aprendizagem da geografia	

<b>Callai (1992)</b>	O ensino e a questão regional	Abordagem
<b>Rua (1998)</b>	O professor, o livro didático e a realidade vivida pelo aluno como recursos para o ensino da geografia	
<b>Cavalcanti (1993, 1995)</b>	1. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual 2. A problemática do ensino de geografia vinculada nos encontros nacionais da AGB (1976-1986): Um levantamento preliminar.	Aproximação com a categoria

Fonte: Araujo (2021).

Dentre os pilares de que Nestor Kaerchaer (1996) partiu para a construção do seu artigo, salienta como segundo pilar que:

Em nível de primeiro grau é necessário que partamos das paisagens visíveis e não de conceitos (isso cabe mais ao segundo grau). Ou seja, os conceitos não devem anteceder aos conteúdos. Estes devem propiciar que os alunos construam os conceitos. Por exemplo: antes de definir "democracia" ou "relevo" ou "modo de produção" é importante construir no *dia a dia relações cotidianas* com os alunos e propiciar-lhes condições para que entendam a importância destas - ou de outras - ideias para a Geografia (KAERCHAER, 1996, p. 111, *grifos nossos*).

A concepção de *cotidiano* presente ao longo da redação deste artigo é colocado como par de igualdade com as relações que acontecem no dia a dia, nas relações de vizinhança. Isso deve acontecer por situar a construção dos conceitos da geografia partindo da vivência dos alunos. Revelando, assim, o que conceituamos de *conhecimento cotidiano*.

Antória Lucas (1998), de modo semelhante ao do professor Nestor, ressalta que uma avaliação-expositiva pode fazer com que os professores tenham mais contato com a realidade vivenciada do aluno. Dessa forma eles acabam podendo relacionar temas, conteúdos e conceitos à prática social dos sujeitos, como também à prática dos alunos em sala de aula e nos seus espaços de vivência. Dessa forma, através desse método avaliativo, "professor e aluno passaram a vivenciar um novo tipo de aula: *o cotidiano*. O questionário que era antes forma de revisão de matéria, exercícios e roteiro de prova passou a ficar em segundo plano". Partindo disso, "professor e aluno constroem uma nova forma de ver e trabalhar a Geografia", tendo domínio para "trabalhar com o conhecimento do cotidiano, como processo permanente, através de oficinas, laboratórios, reuniões, etc." (LUCAS, 1998 p. 104).

Já Helena Callai (1992) emprega o *cotidiano* com uma composição teórica um pouco mais ampla:

Ao construir os conceitos o aluno realmente aprende, por exemplo, a entender um mapa, a compreender o relevo, o que é região, nação, município. Ao conhecer, analisar e buscar as explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu *cotidiano*, ao extrapolar para outras informações, e ao exercitar a crítica sobre está realidade, ele poderá

abstrair esta realidade concreta, ir teorizando sobre ela e ir construindo o seu conhecimento (CALLAI, 1992, p. 84).

Pela autora, o *cotidiano* é trabalhado como *abordagem*, ou seja, quando os conceitos-chaves são elaborados tendo como base o *cotidiano* ou a realidade vivenciada dos alunos. Nesse sentido, Helena Callai salienta a necessidade de abordá-los em diferentes escalas: internacional, nacional, regional e local, até chegar a uma escala que possa ser apreendida em sala de aula. Isso porque “as questões teóricas e a *nostra prática cotidiana*, como professores de Geografia, fazem parte das discussões que historicamente nos propomos e realizamos, tendo sempre a perspectiva do ensino que fazemos e o ensino que queremos” (CALLAI, 1992, p. 80). Assim, Callai entende que o *cotidiano* é a escala que está mais próxima da vivência do indivíduo e, ao mesmo tempo, é a escala indispensável para que o conhecimento geográfico se realize na relação com o *conhecimento cotidiano* do espaço.

João Rua (1998), também utilizando o *cotidiano* como *abordagem*, evidencia que o trabalho de “[...] ‘conscientizar’ (na escola) deve ser entendido como ajudar a desenvolver a logicidade, a criticidade e a criatividade, através das atividades e da relação entre o conteúdo e a *vida cotidiana* do aluno, bem como com os problemas que enfrenta” (RUA, 1998, p. 88). Nesse sentido, o autor relata as condições concretas de trabalho dos professores em sala de aula, as dificuldades de realizar as formações inicial e continuada, carga horária de aulas, alto número de alunos por sala de aula e como tudo isso influencia em uma maior subsunção do professor a mero reprodutor de conteúdos dos livros didáticos. Isso o autor destaca como o *cotidiano* do trabalho docente.

Não condeno o professor na sua prática. Entendo que ele é empurrado para essa forma de trabalho, pouco criativa, pelas circunstâncias, pelas condições em que vive. Entretanto, é preciso dizer que, mesmo assim (nessas condições precárias), há professores que conseguem superá-las e fazem um belo trabalho em sala de aula. Há professores que trabalham em duas, três escolas, dando muitas aulas por semana e, ainda assim, conseguem um espaço de reflexão, de criação de conhecimento, de elaboração de ideias no seu cotidiano (RUA, 1998, p. 90).

Tal autor, nesta e em outras passagens do seu artigo, coloca o *cotidiano/vida cotidiana* no exercício de vinculá-lo(a) à vivência dos alunos e professores no processo de construção do conhecimento. Mas, também, realizando a relação entre a *abordagem cotidiana* aos aspectos das relações sociais de trabalho. Percebemos que dessa forma a concepção de *cotidiano* ganha uma composição teórico-conceitual na qual há uma pulsão que tende à sua compreensão enquanto *categoria marxista*. No entanto, isso não fica claro no artigo de João Rua.

Lana Cavalcanti (1993, 1995) trabalha o *cotidiano* no mesmo sentido deste autor, salvo a diferença de que colabora com a hipótese de que havia uma pulsão em direção à apreensão do *cotidiano* enquanto totalidade, ou seja, enquanto conceito no ensino de geografia.

Durante os anos 90 também havia efervescentes debates sobre a problemática da globalização e de como construir a sua compreensão, de modo didático, no ensino de geografia. Na época, as metrópoles e as cidades apresentavam-se como uma possibilidade para serem estudadas e analisadas, pois a partir do espaço urbano construímos “[...] a explicação de como seus habitantes se movem para o trabalho, para o lazer, para as compras; como participam na produção e reprodução da vida social, ou seja, *permite compreender o cotidiano das pessoas que nele habita*” (CAVALCANTI, 1993, p. 80).

A intervenção na realidade do ensino de Geografia, no sentido de uma reestruturação efetiva, depende de uma compreensão ampla, por parte dos professores de Geografia, da realidade social (historicamente construído), da função social da ciência geográfica e do papel que devem desempenhar a educação e o ensino de Geografia na sociedade atual. As práticas que possibilitam essa compreensão pelos professores são atividades cotidianas de sua profissão, o exercício de uma cidadania participativa e a busca constante das contribuições teórico-científicas sobre a temática que os envolve mais diretamente (CAVALCANTI, 1995, p. 4-5).

Dessa forma, os professores precisavam situar o estudo das cidades em sua espacialidade: “[...] tem um caráter dinâmico, fluido, completo, mas, por isso mesmo não definido permite pensá-lo a partir de dois pontos de vista contraditórios que se ‘entrecruzam’ e permitem, *pelo cotidiano*, o movimento: a cidade do capital e a cidade do cidadão”. Uma vez que “*o cotidiano das cidades é, geralmente, associado à ideia de repetição, de rotina, [...] ele deve ser entendido também como ‘momento’ de confrontação, de luta entre a realidade já instituída e novas realidades.*” Sendo assim, “*o cotidiano é uma construção constante*, e a consciência desse fato propicia um direcionamento nessa construção” e a de uma cidade cidadã (CAVALCANTI, 1993, p. 80-81).

Percebe-se que há aqui uma composição teórico-conceitual diferente das que se apresentam como *conhecimento cotidiano* e *abordagem*. Nesse sentido, Cavalcanti (1993, 1995) teve como base de apreensão do *cotidiano* o livro de Carlos (1992) e foi a partir de tal contexto histórico que a professora Carlos iniciava os estudos sobre a obra de Henri Lefebvre. Tal geógrafa, assim como o filósofo, apreendem o *cotidiano* enquanto categoria na perspectiva marxista e como conceito na relação teórica e prática no espaço vivido. Para tanto, Carlos, a partir de Lefebvre, situa o *cotidiano* no processo de reprodução das relações sociais de produção, isto é, nas relações materialistas que, por exemplo, fazem parte do entorno da escola, de seu espaço-tempo, do espaço vivido dos alunos e dos professores, do trabalho docente e etc. Por isso, embora não trabalhando o cotidiano enquanto conceito geográfico, Cavalcanti (1993, 1995) tem a sua aproximação com a *categoria*, já que conta com uma perspectiva teórico-metodológica que direciona a sua interpretação sobre o *cotidiano*.

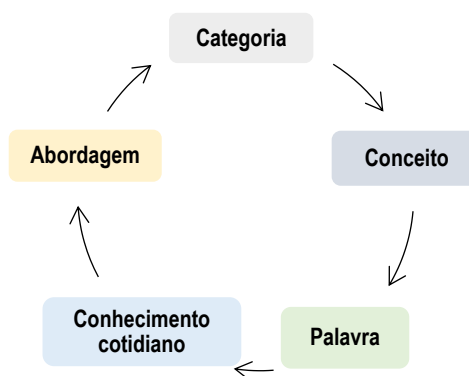
Com essa análise percebemos que, embora não tenha ocorrido uma discussão teórico-conceitual acerca do *cotidiano* enquanto conceito geográfico, havia uma pulsão que progressivamente

tendia a uma agregação teórica à sua composição conceitual. Sobre isso, demonstramos que não há uma diferença teórico-conceitual total entre *conhecimento cotidiano*, *abordagem* e *categoria*<sup>8</sup>. O que há são diferentes composições teóricas que, ao mesmo tempo em que se diferenciam, se assemelham. E assim surge, entre tais conceitos, uma relação através da qual é possível apreendê-los em diferentes níveis de ensino e, conseqüentemente, contribuindo para a construção de uma possibilidade metodológica capaz de dar movimento teórico e prático sobre o *cotidiano* no ensino de geografia.

### UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA: O COTIDIANO DA PALAVRA AO CONCEITO GEOGRÁFICO

Para esta proposição teórico-conceitual do cotidiano, que visa atribuir-lhe um movimento teórico e prático, extraímos as *formas-conteúdos* de como o cotidiano está sendo trabalhado no escopo das produções bibliográficas e documentos analisados e as relacionamos de acordo com o nível de complexidade de cada uma delas. Dessa maneira, passaremos pelo significado e composições do *cotidiano* como *palavra*, *conhecimento cotidiano*, *abordagem*, *categoria* e *conceito*; localizando, ao fim, no movimento da espacialidade da *vida cotidiana*. Para a construção dessa estrutura tomamos como base a forma como o *cotidiano* é trabalhado em tais artigos e a da nossa concepção sobre ele enquanto *palavra* e *conceito geográfico*.

Figura 1: O movimento das *formas-conteúdo* do cotidiano.



Fonte: Araujo (2021).

<sup>8</sup> Tendo em vista trazer mais um elemento para fundamentação do método analítico aqui proposto, recorremos à alusão que Harvey (2018) faz entre as formas-conteúdo da circulação do Capital com o ciclo hidrológico. “O que considero particularmente interessante é que o movimento cíclico de H<sub>2</sub>O implica alterações de formas” (HARVEY, 2018, p. 16), ou seja, entre os estados líquido, sólido, gasoso e suas variações. “O que me agrada nesse modelo é que ele descreve a molécula H<sub>2</sub>O sob diferentes formas e estados, e em diferentes velocidades, antes de retornar aos oceanos para reiniciar o ciclo. O capital se movimenta de maneira muito semelhante”. Para o autor, antes de o Capital assumir a forma-mercadoria, passa pela forma-dinheiro, forma-valor, etc., ou seja, tais formas-conteúdo se movimentam indissociavelmente na medida em que as relações sociais capitalistas movimentam a circulação do capital. Aqui, tratando-se do cotidiano, estamos demonstrando que a sua compreensão na teoria e na prática podem ser realizadas de modo simples (como palavra) e ampliar-se, do ponto de vista de análise e de compreensão analítica, na medida em que se aproxima da sua compreensão conceitual.

Fala-se e escreve-se muito sobre o *cotidiano* na experiência dos indivíduos; nesse caso, o que há de mais recorrente nas experiências do que *as palavras*? Então, comecemos por ela. Quando usamos a *palavra cotidiano*, tanto no seu aspecto gráfico como inserida na linguagem - sendo esta de uma multiplicidade quase incalculável - a que coisas estamos nos referindo? Perguntando-se isso podemos começar a refletir sobre o *cotidiano*, ampliando e limitando o seu significado.

Por exemplo, ao questionar um aluno sobre o significado do *cotidiano*, ele provavelmente responderá que o entende como o seu dia a dia, algo sobre a sua rotina e espaço-social - e relatará o que acontece nesse espaço. No entanto, a rotina de um aluno que vai para a escola a pé por morar próximo à escola é diferente da rotina de outro, que vai para escola por meio do transporte público; e, assim, sucessivamente.

Percebemos que a construção de um conceito não nasce de um exercício teórico desvinculado da prática social. O *cotidiano* no senso comum, como questionado, aparece como aquilo que é habitual, costumeiro, diário; isto é, tudo aquilo que é comum a todos os dias, o conjunto de ações que alguém faz ou vê acontecer todos os dias. Por isso o *cotidiano* enquanto *palavra* pode ter emergido e potencializado a sua discussão, porque a partir dela conseguimos significar a rotina vivida pelos indivíduos. Portanto, o *cotidiano*, antes de ser um saber científico, é um saber popular.

Refletindo sobre esses aspectos cognitivos do aluno sobre o *cotidiano*, como podemos entender e estudar o conhecimento geográfico? Avançando nesse caminho chegamos ao *conhecimento cotidiano*. Isto é, é provável que as pessoas tenham uma ideia do que significa o *cotidiano*, como relatado na sua noção como palavra. Com isso podemos utilizar esse conhecimento prévio para contribuir e instigar alunos e professores a formarem o *conhecimento cotidiano* do seu espaço de vivência.

Embora os alunos de uma determinada escola tenham em comum o *conhecimento cotidiano* do espaço de vivência da sala de aula, da escola, de seu entorno, do pátio, da quadra de futsal; cada um deles apreende o *conhecimento cotidiano* de acordo com as especificidades do seu espaço de morar, de conviver em família, dos caminhos que o levam à escola, etc. Dessa forma, as relações de experiências de vida e do espaço vivido tendem a expandir, abrem-se em um leque de possibilidades para a construção do *conhecimento cotidiano*. Sendo assim, o *cotidiano* enquanto *palavra* é o ponto de partida para aflorar os aspectos cognitivos dos alunos sobre ele, enquanto o *conhecimento cotidiano* é a materialização espacial do que constitui o *cotidiano* de cada aluno.

Assim os conceitos-chaves da geografia (Paisagem, Território, Região, Espaço e Lugar) se revelam. Porque na materialização espacial do processo, especialmente no ensino de geografia, o conceito de Lugar emerge como próximo e fundamental para desvendar o espaço de vivência. Nesse sentido, o *conhecimento cotidiano* passa a ser trabalhado como *abordagem cotidiana*. Isto é, quando o

*cotidiano* é trabalhado como ponto de partida para a compreensão de conteúdos e outros conceitos geográficos, mesmo quando não há corrente de métodos que o direcionem.

Dessa forma, a *abordagem cotidiana* pode ser trabalhada como a base espacial onde os conceitos-chaves podem ser construídos/ressignificados. Nisso o *cotidiano* (*palavra, conhecimento cotidiano* ou *abordagem*) emerge como uma frequente possibilidade para um universo de contextualizações relacionadas ao vivido do aluno. Embora ainda tímida, a forma de entender o cotidiano como *abordagem* possibilita pensarmos uma diferenciação e relação conceitual entre o *Lugar* e o *Cotidiano*, geograficamente.

Ora, quando passamos a estudar o *cotidiano* como a base onde os conceitos geográficos são compreendidos, as perspectivas teórico-metodológicas (marxista, fenomenológica, positivista e outras) começam a fazer cada vez mais parte desses debates. Aprendemos na epistemologia da geografia as correntes, escolas e métodos através dos quais a geografia se desenvolveu e se desenvolve no cenário mundial e nacional. No caso do *cotidiano*, cujas discussões e compreensões se potencializaram a partir dos anos 90 na geografia brasileira, duas correntes de métodos se destacaram, a fenomenológica e a marxista como apresentado anteriormente.

Sendo assim e tendo apresentado esse caminho teórico-metodológico: o que seria o *cotidiano* enquanto *conceito geográfico*? Para responder esta questão precisamos apontar dois pontos distintos e complementares. O primeiro é o *cotidiano* enquanto conceito, o segundo, enquanto conceito geográfico.

Na primeira condição, na nossa perspectiva, o *cotidiano* deve ser inserido e estudado na totalidade do processo da generalização e homogeneização das relações capitalistas. Isto é, o *cotidiano* emerge, se realiza e se intensifica na sociedade mundial por meio de diferentes mecanismos. Parece complexo, mas não é. Inclusive isso está no *cotidiano* do espaço-tempo da escola.

Apontamos anteriormente que uma das preocupações centrais para o ensino de geografia nos anos 90 era como construir o conhecimento sobre a globalização, de modo didático, em sala de aula. Já atualmente esse tema tornou-se de simples apreensão (embora seja complexa a análise de seu processo), pois uma parte dos alunos tem a globalização na palma da mão: os celulares. Estes, denominados hoje de *smartphones*, agregam diferentes aplicativos de redes sociais e de serviços, que estão diretamente ligados a empresas e corporações internacionais. Tais aplicativos, em sua grande maioria, buscam condicionar os alunos e a sociedade em geral ao consumo de diferentes mercadorias e serviços.

Dessa forma, as relações globais e locais estão cada vez mais estreitas. As relações sociais capitalistas, que é o terreno onde o *cotidiano* acontece (onde a rotina, o dia a dia, o costumeiro ocorre),

embrenharam-se na vida das pessoas, de forma que se tornou cada vez mais complexa a sua análise. “Essa totalidade que é o *cotidiano*, e que se realiza como espaço e tempo onde os pedaços se integram ‘pelo alto’, reveria, estenderia, revitalizaria a própria ordem industrial” (DAMIANI, 1994, p. 434). Ou seja, as relações de produção (produção de mercadoria, distribuição, troca e consumo) não estão mais somente entre os muros das ‘fábricas’, mas estão presentes em todos os níveis da *vida cotidiana* espacial dos indivíduos.

Apesar dessa generalização e condicionamento dos indivíduos às relações de consumo, a espacialidade da *vida cotidiana* tem as suas especificidades, as suas próprias histórias, localizadas nos seus países, estados, municípios, bairros, etc. Assim, uma determinada localização, ponderando-se as suas escalas, apresenta uma base natural (solo, clima, fauna, flora), uma materialidade histórica (processo de ocupação do espaço, formação de um determinado território), social (os aspectos culturais que ao longo da história estavam presentes ou foram construídos em uma localização), política (as formas de controle e organização social e territorial) e econômica (as bases de produção que foram possíveis de construir ou resistir sobre essas determinações e possibilidades anteriores). Ou seja, para entender a especificidade da espacialidade do modo de vida, é necessário analisar e compreender esse processo em diferentes escalas, de forma que, a partir disso, possamos iluminar o específico da *vida cotidiana* e ao mesmo tempo relacioná-la aos condicionamentos globais das relações de produção capitalista. Nesse sentido, revela-se aqui o estudo dos ritmos.

O estudo da vida cotidiana já evidenciou uma diferença banal e ainda pouco conhecida entre o cíclico e o linear, entre um tempo rítmico e um tempo de repetições bruscas. O movimento repetitivo associado ao tempo linear é cansativo, esgotante e chato, enquanto o movimento dos ciclos tem o fascínio de um advento e de um evento. Seu começo, que é apenas um novo começo, sempre tem o frescor de uma descoberta e uma invenção. O amanhecer sempre tem um charme milagroso, a fome e a sede são maravilhosamente renovadas... O cotidiano é ao mesmo tempo lugar, teatro e jogo de um conflito entre os grandes ritmos indestrutíveis e os processos impostos pela organização socioeconômica da produção, consumo, circulação e habitação. A análise da vida cotidiana mostra como e por que o tempo social é em si um produto social. Como todos os produtos, como espaço, o tempo se divide e se divide em uso e valor de uso, por um lado, e em troca e valor de troca, por outro. Por um lado, vende e, por outro, vive (LEFEBVRE; RÉGULIER, 1985, p. 191-192).

Assim, o ritmo linear localiza-se naqueles espaços onde se busca a todo momento condicionar a vida cotidiana aos ditames da reprodução capitalista em seus ritmos cada vez mais intensos. Enquanto que o ritmo cíclico é localizado na espacialidade onde a vida cotidiana respeita mais os ciclos naturais da vida, tornando a vida cotidiana, diante disso, menos intensa do que no caso anterior. Diante disso, agregamos à tese dos autores a consideração de que essas intensificações estão diretamente ligadas à materialidade dos meios de produção e à reprodução do Capital no/do espaço, o que possibilita a existência de diferentes níveis de ritmos de *vida cotidiana*.



Nesse sentido, consideramos também que a materialidade dos meios de produção e a reprodução do Capital no/do espaço possibilitam diferentes níveis de ritmos de *vida cotidiana*. Dessa maneira a relação entre essas três dimensões e níveis da cotidianidade revelam que apesar das generalizações e condicionamentos dos indivíduos às relações de consumo, a espacialidade da *vida cotidiana* tem as suas especificidades, as suas próprias histórias, localizadas nos seus países, estados, municípios, bairros, etc. Nas escalas de cidades brasileiras que têm linhas de metrô, por exemplo, são: São Paulo - SP, Rio de Janeiro-RJ, Recife-PE, Porto Alegre - RS, Belo Horizonte - MG, Salvador - BA, Brasília-BSH e Fortaleza - CE. Vejamos, estas são as principais metrópoles do país: as que concentram espacialmente diversos setores de produção, serviços e circulação de capital. Logo, exigem uma maior e mais acelerada circulação de pessoas. Tais ritmos das cidades, traço marcante da modernidade, geram a aceleração do repetitivo, enquanto a exploração do trabalho aumenta significativamente e as relações sociais mediadas pela mercadoria se intensificam.

Ao mesmo tempo em que ocorrem essas especificidades (sendo possível encontrá-las e relacioná-las à totalidade, considerando tais aspectos), há uma relação que as ligam a qualquer outro lugar, ao global – as relações capitalistas. Os *smartphones*, citados anteriormente, podem ser um exemplo: ao mesmo tempo em que mapeiam produtos e serviços, previsão do tempo e os lugares onde o aluno mais frequenta em escala local, revelam essas tendências, prospectivas de consumo, em escala global. Em palavras um pouco mais poéticas, "[...] quanto mais acessível o estrangeiro se torna, tanto mais semelhante a nossa casa ele fica" (SMITH, 1988, p. 174).

Ao mesmo tempo, em outras localizações deste mesmo território não há internet, o que conseqüentemente modifica a forma de relação entre as pessoas. Em vez de “grupos em aplicativos”, há uma reunião que ocorre pessoal e fisicamente para tomar um café e conversar um pouco sobre as atividades diárias, mas simultaneamente as relações globais, bem como seus condicionamentos, que se fazem presentes através da TV, por exemplo. As relações de trocas são mediadas pelo dinheiro físico, substituindo, em sua predominância, o cartão de crédito; algumas vezes acontecendo no ‘fiado’ e sendo anotado no ‘velho caderninho’ para se pagar no início do mês quando sair o salário (se houver). A organização do trabalho para a construção da casa de um vizinho ou parente é realizada por ‘mutirão’, alterando assim, também, a organização do trabalho.

Percebemos que a materialidade das relações capitalistas e suas dinâmicas do/no espaço alteram-se e desenvolvem-se de modo desigual na espacialidade e, simultaneamente, no modo de *vida cotidiana*. Realizando essa dialética entre esses ritmos e a espacialidade do *modo de vida*, podemos identificar as reais potencialidades e possibilidades de estudar o *cotidiano* a partir da diferença e das relações dos condicionamentos e contextualizações materiais do espaço vivido dos indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS / INICIAIS

O artigo apresentou um caminho para identificar a emergência e multiplicidade em que o *cotidiano* é trabalhado no ensino de geografia no Brasil a partir dos anos 90. Através da análise desse processo, construímos uma estrutura de conceitos que buscam aproximar-se de uma denominação sobre o modo como o *cotidiano* é trabalho no ensino de geografia (*palavra, conhecimento cotidiano, abordagem, categoria e conceito*). E isso se deu partindo das narrativas e apreensões do *cotidiano* no senso comum e apontando uma forma de compreendê-lo enquanto conceito geográfico.

Quanto a isso, salientamos que o aprofundamento teórico-conceitual do *cotidiano* é fundamental, independentemente da perspectiva teórico-metodológica adotada para tanto. É possível que a estrutura que montamos (da *palavra ao conceito geográfico*) aponte um caminho; alterando, é claro, a forma de como conceber o *cotidiano* enquanto conceito geográfico.

Nesse caso, o movimento dado ao conceito de *cotidiano* possibilita localizar a sua apreensão em diferentes níveis de ensino-aprendizagem em geografia, desde que considerando o amadurecimento de cada nível. Esse exercício pode tornar possível 'implantarmos um germe' de pensamento e ação no espaço, provocando a autocrítica perpétua da espacialidade da *vida cotidiana*, podendo acarretar contestações, mudanças espaciais e, sobretudo, uma transformação total da estrutura do modo de vida capitalista.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. R. de. A composição teórico-conceitual do cotidiano nos PCNs e BNCC de Geografia: da palavra ao conceito geográfico. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 103, jan.-jun. 2020 Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1952>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ARAUJO, M. R. de. *O cotidiano na produção bibliográfica da geografia brasileira: uma análise das produções de geógrafos e geógrafas a respeito do ensino de geografia*. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRASIL. M. da E. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. MEC/SEF, Brasília, 1998.

CALLAI, H. C. **Geografia um certo espaço, uma certa aprendizagem**. 1995. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. O ensino e a questão regional. *Boletim Gaúcho de Geografia*. v. 19, n. 1, p. 80-85, Maio de 1992. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38018/24503>>.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco\\_urbano.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf)>.



CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 1999b.

\_\_\_\_\_(Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS, 1999a.

CAVALCANTI, L. de S. **A construção de conceitos geográficos no ensino**: uma análise de conhecimentos geográficos em alunos de quinta e sexta séries do ensino fundamental. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. A problemática do ensino de geografia vinculada nos encontros nacionais da AGB (1976-1986): Um levantamento preliminar. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1-23, Jan./Dez. de 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4326/3790>>.

\_\_\_\_\_. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-19, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4342/3805>>.

DAMIANI, A. D.; CARLOS, A. F. A. Um caminho para pensar o currículo de geografia. In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A. F. A. O cotidiano na metrópole. In: 5 Congresso Brasileiro de Geógrafos, 1994, Curitiba. **Anais do 5 Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 1994. p. 429-433.

DAMIANI, A. L. **O cotidiano na metrópole**. 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos, Curitiba – PR, 17 a 22 de junho de 1994, p. 434-439.

\_\_\_\_\_. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

DAVID, H. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, 1989.

KAERCHER, N. A. A geografia é nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 109-116, Agosto de 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38639/26361>>

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LEFEBVRE, H.; RÉGULIER, C. Le projet rythmanalytique. In: Communications, 41, 1985. **L'espace perdu et le temps retrouvé**. p. 191-192.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2014.

LUCAS, R. E. A. As questões analítico-expositivas no processo ensino-aprendizagem da geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 24, p. 97-108, 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39130/26310>>.

PONTUSCHKA, N. Geografia na sala de aula. **GEOUSP**: espaço e tempo (Online), São Paulo, n. 6, 117-125, 24 de Agosto de 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123369>>.

RUA, J. O professor, o livro didático e a realidade vivida pelo aluno como recursos para o ensino da geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 24, p. 87-96, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39129>>.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e produção do espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.